

DOCUMENTAÇÃO E EMPREENDIMENTOS

por RUI AMADOR

Documentalista do Centro de Documentação da Companhia Eléctrica das Beiras

RESUMO: Baseado em factos reais observados no seu serviço como documentalista numa empresa, mostra o A. a necessidade de uma documentação cientificamente organizada em benefício dos seus utilizadores.

Based on actuals facts observed in his work as a documentalist in a firm, the A. shows that a scientifically organized documentation is necessary of the benefit of its users.

Assisti há tempos a uma conversa entre dois técnicos, ambos colegas de curso superior e de actividade profissional. Perguntava um: «— Como é que tu conseguiste *abafar* toda a Comissão com os teus conhecimentos sobre a matéria, se isto é assunto relativamente novo, que nunca aprofundámos na Faculdade e que só agora se põe a hipótese de ser estudado e aplicado no nosso País?!» O outro sorriu-se e respondeu: «— Documentei-me...» Na empresa em que trabalhava existia um Centro de Documentação, dentre cujas missões se destacava a de fazer referências de livros, artigos de revistas, normas e legislação, etc., por assuntos. Dias antes da reunião tinha pedido a esse departamento uma lista bibliográfica sobre a matéria que ia ser debatida na reunião, escolheu o que mais lhe interessava e tirou umas notas dos documentos lidos. Na reunião, enquanto os outros técnicos se limitaram a dizer umas coisas vagas, ele propôs

Nota — A pedido, dispus-me a escrever alguma coisa sobre a minha experiência de meia dúzia de anos como documentalista numa empresa. Tinha alinhavado duas ou três páginas quando me chegou às mãos o último n.º dos *Cadernos* com um artigo do Prof. Eng. Luís Almeida Alves, em que magistralmente se definem situações e conceitos que eu tentava balbuciar nesse artiguelho.

Acontece, muitas vezes, na vida de uma pessoa, ler preto no branco, alguma coisa que andava no subconsciente e não se sabia como exprimir. Foi o que me aconteceu agora.

Para não ser taxado de plagiador, tive de repensar e refundir tudo o que estava feito. Tentei andar um pouco mais para a frente, apoiando-me na lógica dos conceitos expendidos naquele artigo.

soluções já estudadas e experimentadas, apresentou cálculos concretos quer sob o ponto de vista prático quer sob o aspecto económico, rebateu opiniões ultrapassadas ou erróneas. Por detrás deste brilharete está todo o trabalho de um Centro de Documentação, já bem conhecido. Só é de realçar o facto de esse Centro de Documentação andar a fazer fichas de assuntos cujo interesse ultrapassava o campo de aplicação normal da empresa, e que só mais tarde se viria a revelar de utilidade. É essa, aliás, a característica mais válida de um Centro de Documentação actuante e eficiente: prever as necessidades dos utentes.

O interlocutor ficou deslumbrado. Assinava umas revistas, que folheava quando tinha tempo. Ia resolvendo os seus problemas com os conhecimentos adquiridos no curso, através da sebentazinha... O que era isso das fichas de assuntos?

Durante a sua vida escolar, nenhum deles tinha tido a mínima noção do que era a informação documental, estruturada em moldes eficazes. A sua necessidade primária tinha sido passar em exames. Nestes actos solenes era-lhes exigida a demonstração de que tinham lido e encasquetado aquilo que os respectivos professores tinham marcado e só isso. Uma vez ou outra tinham-se dirigido à biblioteca do estabelecimento de ensino que frequentavam à procura de uma obra mais citada no livro básico. Tinham sido atendidos por um funcionário mal-humorado, lento e distraído, que acabava geralmente por lhes dizer: «Esse livro está emprestado ao Sr. Prof. Tal»...

Nunca lhes passou pela cabeça aproveitar as listas bibliográficas no fim das publicações obrigatoriamente lidas e aprofundar conhecimentos específicos.

O técnico mais actualizado no tratamento da documentação tinha podido evoluir desse estado de divórcio com a informação através da instituição de um organismo apropriado para o ajudar na compilação, triagem e difusão dos apoios documentais necessários ao seu trabalho. O outro tinha permanecido no estado larvar de se abastecer ao acaso, apoiado em obsoletas obras dos seus tempos de estudante (às vezes, até boas para o tempo), hesitando muito sempre que lhe queriam «impingir» um livro recente, que custava os olhos da cara («o diabo é que é em inglês, sabe...»)

Dediquemos agora a nossa atenção ao que se passa com o técnico mais evoluído, não se vá pensar que ele é o paradigma da perfeição.

Numa óptica imbuída de princípios progressistas, quais os seus defeitos?

Esquemáticamente, são estes: herdeiros de uma mentalidade estática e tradicionalista (para não dizer fatalista...), toda a sua actividade de estudo e de inteligência actual se dirige a alcançar e ou a manter uma «situação». Ainda há poucas dezenas de anos se compravam os cargos públicos para uma vida ou mesmo para uma família; ainda hoje a «cunha» é a mola principal de uma carreira, que não a competência ou a eficiência; e um canudo, conseguido sabe-se lá como, nas palavras do Senhor Presidente do Conselho, é a melhor recomendação para se ocupar um cargo. Depois, é só resolver os casos que tenham o desplante de aparecer por lá, sempre da mesma forma, lendo sempre as mesmas rotineiras normas, previamente fixadas, sem nenhuma preocupação de inovar, simplificar, servir.

Antes pelo contrário, quanto mais se dificultar o trabalho mais defesa pode haver da integridadezinha do cargo.

Sim, eles sabem que há novos caminhos para fazer as coisas. Até assistiram a reciclagens, congressos e colóquios. Se trabalham em organizações ricas, até têm o gabinete recheado de estantes com livros e dossiers, fotocópias, duplicados e papéis que vão acumulando por pensarem vir um dia a necessitar deles. Os fornecedores inundam-nos com catálogos e folhetos que raramente actualizam...

Mas, o que será mais confrangedor? Assistir à ignorância do que não sabe que existe resposta documental para o seu problema (se é que tem problemas...), ou do que sabe que tem uma revista de capa azul (ou seria verde?) com um artigo que tratava daquele berbicacho que a administração quer ver resolvido esta semana, e não consegue encontrá-la em nenhuma gaveta ou prateleira?

Outro defeito: se têm a sorte de encontrar uma fonte documental com interesse para os seus assuntos, guardam-na ciosamente, escondem-na mesmo dos colegas, para só eles poderem brilhar na ocasião própria. Não são capazes de publicar nada, porque aliás nada investigam ou inventam com valor de divulgação (vendo bem as coisas, nem sequer há publicações onde se possa dar testemunho da actividade de cada um...).

Não são capazes de trabalhar em equipa. A maior parte das vezes porque têm vergonha de mostrar, «ali no duro», a sua inépcia profissional. Outra forma de mascarar a sua ignorância, quando não têm mesmo, dentro das quatro paredes do gabinete, a resposta à sua dúvida, é fazer a pergunta muito vagamente ou com grandes rodeios: «Mande-me a enciclopédia com a letra «i»...» (Quer saber como se escreve «intromissão»...), ou «Tem aí alguma coisa sobre aerodinâmica?» (Interessa-lhe saber apenas formatos de talha-mares de pontes...), ou ainda «Já comprámos alguma coisa sobre matemáticas modernas?» (Ficou confundido perante a sabedoria da filha que anda no liceu e já dá essas coisas...). É claro que há excepções...

Tudo isto revela que temos tido tempo, no ensino, na administração, na normalização, na indústria, para seguir paulatinamente pelos caminhos mais compridos, mais tortuosos. Até quando poderemos ir de liteira?

É altura, até porque estamos em pleno debate público, de inserir no nosso ensino um maior sentido prático, um gosto pela investigação. E não se tenha medo de chamar para o centro dos anfiteatros as pessoas que sabem usar as técnicas mais eficientes.

Repare-se para as páginas da imprensa diária onde vêm anúncios e anúncios de cursos da mais variada índole, completamente ignorada nos programas do ensino secundário e superior. Pode rebater-se que, muitas vezes, essa ciência não é aplicada na prática, mas isso é outro problema. O que se prova é que dois ou três dias de contacto intensivo com matérias especializadas, apresentadas por pessoas bem preparadas, fornecem cabedal de valor para a melhoria da eficiência no trabalho respectivo. Valem, às vezes, uma cadeira da Universidade. Valem, principalmente, porque apoiadas numa documentação bem estruturada, escrita com a pretensão de ser útil e não de mostrar erudição do monitor. Sempre a documentação!

A prosápia de andarmos sòzinhos tem servido para as liteiras. Se queremos embarcar nos jactos, temos de acreditar em toda uma infra-estrutura pessoal e material que permite que eles voem.

Termino com uma citação do Senhor Secretário de Estado da Indústria, Eng. Rogério Martins: «A coordenação global das acções locais é extremamente possível numa escala até há pouco impensável, desde que nos desembaracemos da burocracia e da relutância em trabalhar em equipe, com o que isto implica de toda uma atitude e um hábito de delegar, confiar e confrontar para convergir».